A religião como meio de assistência, integração e emancipação dos migrantes

Por Roberto Marinucci – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM

A intensificação das migrações internacionais tem provocado a formação de sociedades cada vez mais multiétnicas e culturalmente diversificadas. Diante desta situação em diferentes países estão sendo reavaliadas as políticas públicas de integração dos migrantes, abrindo um intenso e complexo debate sobre o multiculturalismo e a laicidade do Estado.

A diversificação cultural abrange também as religiões. A assim chamada – nas palavras de Peter Berger - "pluralização" religiosa, típica dos territórios de intensa imigração, tem geralmente quebrado os monopólios religiosos característicos, até alguns anos atrás, de numerosos países, levantando novos desafios para a assim chamada "identidade religiosa nacional" e, sobretudo, para a convivência entre alteridades.

É evidente que o fenômeno da pluralização religiosa não decorre apenas das migrações. No entanto, muitos migrantes costumam levar em suas bagagens as próprias cosmovisões religiosas que, de alguma forma, acabam interagindo com as cosmovisões presentes na terra de chegada, gerando uma interação que pode ser dialógica, tolerante, indiferente ou conflitiva. Na contramão da conhecida regra do *cuius regio eius religio*, que visava separar os membros das diferentes denominações cristãs a fim de evitar conflitos, a mobilidade humana no contexto da globalização tende a aproximar e mesclar os afiliados das várias tradições religiosas. Assim sendo não é incomum ouvir falar da "islamização da Europa", da "pentecostalização" do cristianismo ocidental ou da chegada do vodu haitiano junto com os migrantes no Brasil.

Mas o que isso implica para as religiões e para os migrantes? De que forma as religiões lidam com a questão migratória? Que papel desenvolve a religiosidade na jornada dos migrantes?

Em primeiro lugar é importante frisar a assistência oferecida pelas religiões aos migrantes. Numerosas tradições religiosas atuam na promoção humana das pessoas recém-chegadas, principalmente daquelas mais necessitadas. Há diferentes enfoques nesta abordagem sócio-transformadora: a mera assistência emergencial, o serviço de *advocacy*, a formação da consciência cidadã e até a estruturação de grupos de pressão para a reformulação de políticas migratórias. Existem também diferenças em relação ao público alvo, sendo que há grupos religiosos que privilegiam o auxílio aos membros das próprias denominações, enquanto outros atuam de forma aconfessional.

As tradições religiosas constituem também um importante caminho de integração dos migrantes. Elas assumem frequentemente o papel de favorecer a gradativa socialização dos recém-chegados com as cosmovisões culturais e religiosas dos autóctones. Em outros termos, a participação ativa em lugares de culto, ainda que da mesma tradição religiosa da terra de origem, implica sempre a incorporação de traços culturais típicos da nova sociedade. Nesse sentido, as religiões se tornam pontes entre o passado da terra de origem e o presente da terra de chegada, espaços sociais de familiaridade e, ao mesmo tempo, de encontro com a alteridade.

Por fim os migrantes que possuem uma cosmovisão religiosa, não raramente, utilizam suas crenças como ferramentas simbólicas para enfrentar os desafios da jornada migratória. A religiosidade pode ser um caminho que permite ao migrante recuperar a consciência da própria dignidade: aquele estrangeiro que na sociedade é estigmatizado como sendo “clandestino”, “invasor”, “extracomunitário”, “criminoso” ou até “terrorista”, encontra nas comunidades religiosas espaços de protagonismo e acolhida gratuita. Mediante a religiosidade o migrante pode resgatar a dignidade, a autoestima, a consciência de seu valor. A religião, enfim, antes que fuga da realidade se torna fonte de emancipação, um recurso simbólico para enfrentar o desafio da inserção na terra de chegada.